



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O método fenomenológico-hermenêutico de Heidegger

Por: Ediógenes Paes de Camargo⁷
ediicamargo@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende pesquisar e apropriar-se dos conceitos elaborados por Martin Heidegger sobre seu método hermenêutico- fenomenológico. Compreender em que sentido sua fenomenologia se distancia de seu mestre Edmundo Husserl e quais foram suas contribuições à discussão fenomenológica.

Palavras chave: Essência; Fenômeno; Método; *Dasein*; *Logos*.

Resumo

Tiu artikolo celas esplori kaj proprigi la evoluintaj konceptoj por Martin Heidegger sur via hermeneŭtika-fenomenologia metodo. Kompreni al kiu direkto via distanco fenomenologio de Edmund Husserl kaj lia sinjoro kio estis liaj kontribuoj al fenomenologia diskuto.

Ŝlosilvortoj: *Esenco; Fenomeno; Metodo; Dasein; Logos.*

Abstract

The author did not send the summary. We're sorry!

Introdução

A questão do método em filosofia é uma discussão tão antiga quanto a própria filosofia. O desejo de encontrar respostas satisfatórias para os problemas filosóficos fizeram surgir à necessidade de um método para se alcançar a verdade. De Platão e Aristóteles, com o método dialético e o dedutivismo lógico, até a ciência

⁷ É Graduado e licenciado em Filosofia pela Associação Missionária de Benificência – IESSA, é servidor público estadual, docente de Filosofia, lotado na Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/ PR, no CEEBEJA.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

moderna, o método foi imprescindível para a epistemologia.

Esse trabalho tem a pretensão de apresentar a posição Heideggeriana sobre o assunto. Como é característico em seu pensamento, Heidegger apresenta resistência à abordagem metodológica da modernidade, sinalizando os equívocos de uma abordagem que credita ao sujeito do conhecimento uma pretensa neutralidade e a crença pueril de um conhecimento que se julga infalível.

Além de organizar os argumentos de Heidegger e suas investidas contra a epistemologia moderna, esse trabalho elenca os pontos de distanciamento entre o a fenomenologia de Edmund Husserl e Martin Heidegger possibilitando uma reflexão sobre as contribuições do posicionamento Heideggeriano e suas possíveis limitações.

O método fenomenológico de Husserl

A ontologia proposta por Heidegger a partir do *Dasein* tem como pressuposição o movimento fenomenológico iniciados no século XIX. Em um primeiro momento, em torno de 1911, a filosofia de Heidegger fora orientada pela obra de seu mestre Edmund Husserl, (*As investigações lógicas*). A discussão fomentada por Husserl sobre a questão do conhecimento e sua percepção de que era preciso superar o paradigma moderno da relação entre sujeito e objeto chamou a atenção de Martin Heidegger.

Com o método fenomenológico da redução eidética Edmund Husserl pretende resgatar a vocação da filosofia encoberta pelas ciências da natureza, a filosofia é a ciência das essências e disso decorre o lema voltar às coisas mesmas. A fenomenologia de Husserl está situada numa discussão sobre a validade do



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conhecimento, uma vez que Kant afirma a existência de elementos transcendentais do conhecimento, a validade dos fenômenos fica comprometida com a formalidade contida no sujeito que conhece.

A filosofia Kantiana propõe um sujeito transcendental que apreende os objetos acaba por desembocar numa desespecialização dos seres, de modo que este aparece ao sujeito apenas com uma representação.

Edmundo Husserl com seu método fenomenológico procurou realizar uma recuperação no modo como o homem se relaciona com o mundo, de modo que esta relação possa ser mais autêntica menos objetivada pela representação.

De maneira um tanto genérica, podemos dizer que três são os elementos do projeto fenomenológico Husserliano que interessam de início efetivamente a Heidegger: Em primeiro lugar, a noção de intencionalidade, em segundo lugar, a noção de redução fenomenológica e, em terceiro lugar o lema husserliano “rumo às coisas mesmas”. (CASANOVA, 2012, p.40)

Para Casanova, a noção de intencionalidade da consciência para os objetos é determinante para a construção da ontologia de Heidegger especialmente no que tange a ideia de que toda percepção teórica é execrável e toda ligação representacional com o mundo empírico é inautêntica.

Essa percepção de intencionalidade de Husserl será retomada de uma forma ampliada por mundo circundante, ou seja, a facticidade do ser-aí e sua situação no mundo é que determina sua relação com os entes e seu modo de compreensão do ser.

Ao propor a consciência sempre como intencional, ou seja, a consciência é sempre (consciência de) alguma coisa, Husserl desarticula a relação



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sujeito-objeto e conseqüentemente em grande parte o pensamento lógico que sustenta a visão de mundo da modernidade. Para a fenomenologia de Husserl a consciência não é uma coisa entre outras coisas, ela é apenas um modo de visar que se dá simultaneamente ao mundo fenomenológico. (cf. REALE, 2005 p.182)

Em síntese, Heidegger não desprezou a percepção de intencionalidade, mas a situou de um modo mais abrangente a partir do método hermenêutico que instaurou como uma novidade no campo da fenomenologia, nesse ponto se mostrará a maior contribuição do pensamento de Heidegger sobre o aspecto da fenomenologia. Contudo em qual sentido a fenomenologia de Husserl foi ingênua quanto à metodologia?

O brilhantismo na busca de superar a dicotomia entre sujeito e objeto é reconhecido por Heidegger, por outro lado, teria Husserl conseguido tal radicalidade de permanecer fora do pensamento de modo a chegar num estado absolutamente desprovido de preconceitos através da *epoché*?

O equívoco de Husserl

Em *Ser e Tempo*, Heidegger vai mostrar os limites da posição de seu mestre Husserl, especificamente quanto à questão do método. De acordo com Heidegger a construção de um pensamento originário que escapasse ao binômio sujeito-objeto só se faria possível usando outro método para sua formulação, esse método é apresentado por Heidegger como método hermenêutico.

Ao suspender o comportamento natural da consciência e procurar descrever os seus campos intencionais Husserl, não consegue escapar de toda e qualquer pressuposição e encontrar um âmbito transcendental puro, mas acaba por recair numa absorção inopinada de uma conceptualidade estabelecida tradicionalmente. Na verdade



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

é só com a destruição da conceptualidade tradicional que a suspensão pode ser efetivamente pensada. (CASANOVA, 2012, p. 49).

Husserl ao projetar-se na busca por chegar às essências das coisas através da consciência intencional acaba utilizando-se do método lógico para tal empreendimento. O erro de Husserl foi não ter se dado conta de que a suspensão dos juízos naturais da consciência é uma operação que ocorre no interior de um esquema sujeito-objeto ainda que estes objetos sejam atos da consciência.

Heidegger, leitor atento e crítico implacável de Husserl, desde cedo se apercebeu do logro que o projeto Husserliano da constituição de um saber sem pressupostos continha e procurou mostrar que a fenomenologia, querendo assumir-se como estando fora do pensar metafísico, enraizava, afinal, na metafísica do sujeito dos tempos modernos. (LALANDA, 2010, p.10).

À medida que Husserl garante que é na intencionalidade da consciência que ocorre a essencialização, ou seja, uma vez realizado as devidas reduções fenomenológicas, a consciência-transcendental torna possível chegar às formas perfeitas transcendentais, (platonismo às avessas), Heidegger parte da ideia que só é possível uma diferenciação entre ser e ente a partir de uma compreensão prévia do homem jogado no mundo, só é possível os problemas filosóficos a partir de uma compreensão prévia do homem que antecipa qualquer tipo de explicação ou significação do mundo.

Heidegger desde o início procurou buscar os problemas da filosofia a partir da facticidade, isto é, de situações concretas. Ao que parece, o equívoco de Husserl foi o de articular a superação da relação sujeito-objeto se utilizando de uma análise puramente lógica, ao passo que para Heidegger a filosofia nasce de problemas imanentes, puros.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Mas a crítica Heideggeriana vai ainda mais longe e incide sobre a questão da fidelidade de Husserl ao imperativo fenomenológico: ‘as coisas mesmas’. Husserl lançou, de fato, essa palavra de ordem, mas encontrou o caminho regresso na trilha que Descartes já havia aberto. [...] ele nada queria pressupor, mas há, contudo a pressuposição de que a consciência, sob a forma de ego transcendental é a forma primordial da experiência humana. (LALANDA, 2010, p.11).

Diante disso fica evidente que Husserl recaiu nos aspectos formais da consciência, o qual de início fez seus primeiros ataques, e também a outros aspectos como, por exemplo, a questão da historicidade dos sujeitos, que estão sempre jogados em um mundo que já sempre se compreende.

Em seu livro posterior a *Ser e Tempo*, a saber, *Mundo, finitude e solidão* de 1929, Heidegger aborda justamente esse caminho percorrido pelo nascimento da metafísica que incorreu no mesmo desvio, projetando o mundo a partir de sua representação racional.

Enquanto que para Heidegger a filosofia surge de problemas concretos humanos, fáticos, a solidão, a finitude do homem é existencial da vida fática que é prévio a qualquer teorização puramente transcendental. “Nós nunca nos aproximamos do zero de um problema, mas sempre vamos ao encontro do problema a partir de uma posição da qual ele já se revelou para nós”. (CASANOVA, 2012, p. 49).

A inovação metodológica de Heidegger

O caminho que o filósofo escolheu para elaboração da ontologia é o método hermenêutico-fenomenológico. Emergindo da explicitação das tarefas da ontologia, a necessidade de uma ontologia fundamental, cujo tema é a analítica existencial do ser-aí, a ser realizada de tal modo que leve ao problema central da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

questão do sentido do ser, qual será o método a comandar tal empresa?

Heidegger responde com o método fenomenológico concretizado na hermenêutica. O logos da fenomenologia do ser-aí possui caráter *hermeneúein* que anuncia a compreensão do ser incluso no ser-aí, o sentido autêntico do ser em geral e as estruturas fundamentais do seu próprio ser. (STEIN, 2001, p. 187).

O filósofo busca recolocar a questão da essência do ser sobre outra perspectiva, a perspectiva do ser-aí. Em *Ser e Tempo*, através da analítica existencial como veremos a frente, Heidegger encontrará na finitude do Dasein indícios que levam ao ser. A ontologia de Heidegger buscará tematizar o ente privilegiado que põe a questão do ser. As estruturas do cuidado (*Sorge*) são para Heidegger o método, ou seja, o caminho que conduzem o homem ao ser do ente. Por isso o ser-aí é considerado ao mesmo tempo fenomenológico e hermenêutico; fenomenológico porque é ele que mostra o ser(elabora a existência, pensa o passado, o presente e projeta o futuro), ou seja, cria cultura, e hermenêutico por ser portador da mensagem do ser que se esconde em suas próprias estruturas.

Neste momento retornemos à questão que no início foi levantada, sobre a questão da interpretação de Heidegger da fenomenologia. É imprescindível que a questão do método seja exposta para a compreensão da analítica existencial na empreitada Heideggeriana.

Heidegger fará a exposição provisória do conceito de fenomenologia partindo de uma interpretação etimológica dos radicais que compõe a palavra: *phaínomenon* e *logos* [...]. A palavra grega *phaínomenon*, a qual remete o termo "fenômeno" deriva do verbo *phaynesthai*, que significa: mostrar-se; então *phaínomenon* significa: aquilo que se mostra o manifesto, [...] Mas o ente pode aparece como aquilo que realmente não é. Tal maneira de se mostrar se designa o parecer. Desta maneira o segundo sentido grego do termo *phaínomenon*,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aponta para o aparente (STEIN, 1983, p. 58).

Em primeiro lugar o fragmento mostra o estilo Heideggeriano, insistente em um retorno filológico para retirar as sedimentações a que estão submetidas os conceitos, aponta problemas de traduções do grego para o latim e questiona as intenções subjacentes dessas traduções, mas o fragmento de Stein apresenta duas formas de compreender o termo fenômeno. A impressão que se tem é que o termo está desgastado e mal compreendido.

O primeiro modo de compreender *phainomenon* é como aquilo que se mostra por si mesmo, que não esconde nada de si, que é claro, sem mascarar. O segundo modo de visão dos gregos fazer uso de *phainomenon* tem outras característica, de um escondimento, trata-se do ente que mostra sem mostrar tudo, a imagem apropriada aqui seria como uma noiva que se revela, mas que esconde parte da realidade, isto é, o rosto.

Heidegger recusa a primeira compreensão e nesse sentido rompe com seu mestre, Husserl, que via na redução transcendental a possibilidade de chegar definitivamente às coisas mesmas. O Fenômeno, em sentido privilegiado, é aquilo que, “primeiramente e o mais das vezes, justamente não se manifesta, o que está velado em face do que primeiramente se manifesta”. (STEIN, 1983, p. 63).

Antes de estabelecer o conceito provisório de fenomenologia, o filósofo passa à determinação do significado de *logos* (...). A história do significado atribuído a *logos* e as interpretações múltiplas e arbitrárias da filosofia mascaram de tal maneira o sentido de discurso, que *logos*, passou a ser interpretado como razão, juízo, conceito, definição, razão suficiente ou relação... Pois *logos*, no sentido de discurso, significa *deloun*, tornar manifesto aquilo sobre o que se discorre no discurso. Aristóteles explicou mais precisamente esta função como *apophainesthai*. O *logos* (*apophainesthai*) faz ver



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

alguma coisa, a saber, aquilo sobre o que se discorreu. (STEIN, 1983, p. 60).

Com essa interpretação linguístico-filosófica Heidegger, leva a cabo sua interpretação da fenomenologia como ele a entende. A razão fundamentada no princípio de identidade de Parmênides esgota a possibilidade do movimento da linguagem enquanto uma interpretação estática na história do homem no mundo. Em outras palavras, a interpretação de logos como razão elaborou um ponto fixo onde o homem sempre se apoiou para dizer o mundo, criar seu mundo como verdadeiro e definitivo.

A compreensão de logos como *apophainesthai* remete ao sentido de movimento do ser que se faz ver e se esconde não se trata de um razão com seus esquematismos que se apropria do ser, mas do ser que se manifesta através do homem que também é linguagem apofânica. Assim, a palavra fenomenologia pode ser assim formulada em grego *légin tà Phainómenon*; ora *légin* significa *apophainesthai*. “Fenomenologia significa então: fazer ver aquilo que se manifesta a partir de si mesmo” (STEIN, 1983, p. 61).

Como apontamos acima o filósofo se esmerou por criar novos modelos de abordar a questão do ser, da teoria do conhecimento que não pelo esquematismo sujeito-objeto. Seu método fenomenológico hermenêutico se distancia do método tradicional, porque o nele não existe objeto a ser pesquisado. A filosofia de Heidegger enquanto hermenêutica não trata de fora para dentro da sua problemática com faz as ciências particulares, com pretensa neutralidade. O ser-aí (*Dasein*), é ao mesmo tempo método e foco de análise, ele se autocompreende em seu ser-jogado no-mundo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Heidegger assume a expressão hermenêutica no sentido de ontologia da compreensão. Hermeneutico não significa, em 'ser e tempo', nem teoria da arte de interpretar, nem a própria interpretação, antes a tentativa de, primeiramente, determinar a essência da interpretação, a partir do hermenêutico. O hermenêutico é justamente o elemento ontológico da compreensão, enquanto ela radica na própria existencialidade da existência. O ser-aí é em si mesmo hermenêutico, enquanto nele reside uma pré- compreensão fundamento de toda posterior hermenêutica. (STEIN, 2001, p.187).

Heidegger é herdeiro da concepção historicista de Dilthey quanto ao método hermenêutico, essa concepção parte da ideia que o homem é um ser histórico e que, portanto, tudo que produz enquanto ser cultural é resultado de sua pré-compreensão histórica de si mesmo. O diálogo de Wilhen Dilthey é com as correntes idealistas da filosofia que consideravam que o homem poderia ser explicado com um método científico empírico.

O que ocorre a partir da ontologia fundamental de Heidegger é a reformulação desta posição, dando ao dado compreensão um estatuto ontológico. O homem não é como os outros entes (objetos), ele não pode ser compreendido a partir de um método específico e dedutivo como fazem as ciências particulares, aliás, em Ser e Tempo, já na primeira parte Heidegger dedicará boa parte do texto desconstruindo essa posição inautêntica assumida pelas ciências biológicas, antropológicas e psicológicas que visavam explicar o homem.

A expressão hermenêutica se deriva diz Heidegger, do verbo grego *hermeneúein* (...). *Hermeneúein* é aquela exposição que comunica à medida que tem a possibilidade de escutar uma mensagem. Heidegger diz que usou a palavra hermenêutico neste sentido mais originário para caracterizar com seu auxílio, o pensamento fenomenológico, que lhe abriu caminho para 'Ser e Tempo' (STEIN,1983,p.90)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

De acordo com a concepção de Heidegger, pelo fato do homem ser um ser de linguagem, ele também acaba por ser encoberto por esse mundo de significações que a cultura em que está inserido cria. Nesse sentido, é preciso que se faça uma leitura daquilo que em seu ser está colocado posteriormente a sua entrada no mundo. Em *Ser e Tempo*, texto que visamos explorar com mais profundidade no segundo capítulo, o filósofo apresentará os modos do *dasein* ser-no-mundo, e veremos como o ser-aí pode ser de modo inautêntico devido ao (falatório, a curiosidade e publicidade), termos que poderemos aprofundar posteriormente.

Num segundo sentido o método hermenêutico fenomenológico é usado para realizar aquilo que no subtópico denominamos lida destrutiva dos conceitos da metafísica. Stein afirma que “nós nunca somos um puro projeto, porque já sempre somos projetados. Isso é facticidade que já está determinada, por condições anteriores à compreensão do ser, ao projeto da compreensão.” (STEIN, 2010, p. 71).

Sob essa ótica, o que é colocado em questão é a possibilidade de uma construção pura sobre o conceito de ser, ou seja, não estariam todos os filósofos de todos os tempos entranhados na história como afirmou Dilthey de modo que não pudessem falar de filosofia de fora dela?

Se nós nunca falamos de fora de um mundo, a construção dos conceitos fundamentais da metafísica, elaborados pelos gregos passando pelos medievais a aos modernos, com metafísica da subjetividade, estaria comprometida. Estes filósofos não estavam em um mundo suprassensível ao elaborarem tais conceitos, não lhes foi entregue como que por um Deus, ou um demiurgo, pelo contrário, estavam já pré-compreendidos em um mundo.

O hermenêutico em *Ser e Tempo*, põe a tônica na abertura do ser-aí, no ser da verdade, enquanto as obras posteriores se concentram na



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

verdade do ser, na abertura que o próprio ser instaura no homem. Esta abertura é, em ambos os casos, a dimensão hermenêutica. Através dela se dá a manifestação do ser dor ente. (STEIN, 1983, p. 91).

Heidegger reformula o conceito de compreensão de Dilthey e demonstra que é preciso inovar no método, a hermenêutica aponta para o fato que passou despercebido a Husserl, que nenhuma formulação ou proposição lógica do pensar ocorre no vácuo, mas é dada num universo situacional em que o homem se encontra antes de teorizar a realidade, a isso Heidegger chamou de facticidade.

A hermenêutica apresenta-se com uma verdade que se estabelece dentro das condições humanas de discursos e da linguagem, ou seja, o *Dasein* será o caminho fenomenológico-hermenêutico, pelo qual, a existência autêntica será possível uma vez que a metafísica será pensada sobre outra perspectiva. “Os preconceitos de um indivíduo, muito mais que os seus juízos, são a realidade histórica de seu ser”. (REALE, 2005, p.256). A partir dessa percepção que adentraremos o campo da temporalidade do (*Dasein*) em Ser e Tempo, para perscrutar em seu ser o que tem o ser a nos dizer.

A hermenêutica fenomenológica Heideggeliana destoa de seu mestre, à medida que para o filósofo não há uma compreensão pura no interior da consciência intencional, não há possibilidade dessa utópica universalidade. O método hermenêutico fenomenológico aos moldes de Heidegger, vê no ser-aí, uma pré-compreensão anti-predicativa que antecede a visão intuitiva fenomenológica.

A interpretação é como notava Heidegger, o desenvolvimento da compreensão segundo as estruturas do “enquanto tal”, neste sentido a interpretação é articulação da compreensão. Só que isto é importante, toda compreensão, se opera com base numa antecipação prévia de sentido, ou a partir de uma compreensão; podendo, pois



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dizer que mesmo o próprio ver anti-predicativo é sempre já uma compreensão que se explicita (o ver da visão). (LALANDA, 2010, p.14).

Desse modo, não há uma consciência pura, que conhece o mundo, nunca há uma consciência anti-predicativa, não atingida pelo que dominamos mundo. Assim, afirmar que o ser-aí é hermenêutico significa dizer que ele é o acesso ao modo originário do mundo, não por ser consciência pura, mas por ser sempre uma interpretação de mundo que ele próprio esconde em seu ser.

O filósofo entende haver duas modalidades de linguagem, a primeira, predicativa que procura significar o mundo, a esta chama apofânica, este revela o mundo, mas também o esconde. A segunda linguagem, hermenêutica é originária, pois revela o mundo através de seu *modus existencie*. É através dos chamados existenciais da estrutura ser-aí que o logos hermenêutico é possível, pois estes ultrapassam o campo da mera representatividade da razão.

Considerações Finais

Nesse sentido podemos constatar que este novo modo de abordar a realidade a partir dos conceitos trazidos pela hermenêutica heideggeriana, trazem a baila além de problemas de ordens epistemológicas, mas também de ordem moral, estéticas e jurídicas.

No campo da moral toda elaboração valorativa entra em um processo relativista e o sistema kantiano imperativo de uma razão rigorosa em seu empreendimento, no campo estético os juízos não conferem mais uma noção segura de universalidade sobre o belo e no campo do direito a dimensão da jurisprudência abre brechas para total insegurança de suas determinações uma vez que todo ato de



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

julgar está situado e preconcebido. Nas palavras do comentador:

“A hermenêutica com alguns de seus conceitos mais conhecidos como, compreensão, interpretação, círculo hermenêutico, anti-predicativo e pré-compreensão, abraça um novo espaço na filosofia que tinha diversos lados que o aproximavam da questão do conhecimento. Pela procedência da fenomenologia, ela representava uma crítica dos traços modernos da teoria do conhecimento, como a questão da subjetividade, o fundamento, a razão compreendida como absoluta”. (STEIN, 2011, p.10).

Sobre esse ponto de vista podemos apontar alguns pontos de chegada. Primeiro fica evidenciado a interpretação de Heidegger a fenomenologia de seu mestre Edmundo Husserl e a percepção de Heidegger sobre a consciência em relação ao mundo. Segundo, a apresentação do conceito de hermenêutica de Heidegger elaborado a partir do conceito de compreensão e situação do ser-aí sempre prévio ao mundo que o rodeia.

Além desses dois pontos de chegadas desse trabalho fica evidente, a postura de Heidegger quanto a impossibilidade de se chegar a um conceito de SER definitivo, uma vez que ser é uma situação existencial na qual estamos todos imersos. Ao elaborar um novo conceito de fenomenologia o filósofo cria uma problematização sobre a linguagem quando enfatiza o conceito de logos do ponto de vista grego, isto é, a noção antipredicativa da linguagem, a relação signo e significante. O que é algo ante de ser algo? Qual a força da linguagem enquanto encobridora da verdade de um objeto?

Finalmente, pode-se dizer que Heidegger contribuiu decisivamente para com crise da razão iluminista e com a compreensão da finitude do conhecimento em todos os campos do saber.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Referencias:

ANTLSERI, Reale Giovane. **Coleção História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 2005.

STEIN, Ernildo. **Aproximações sobre Hermenêutica** .Porto Alegre: EDIPUCRS,2004.

_____. **Compreensão e finitude** . Ijuí: Unijuí, 2001.

_____. **A questão do método na filosofia: um estudo do modelo Heideggeriano**.
Porto Alegre: Movimento, 1983.

CASANOVA, Marco Antônio. **Compreender Heidegger** . Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LALANDA, M. Grácio . **Fenomenologia, Metafísica e Hermenêutica** . Coleção: Artigos
Lusofia, 2010.